

Edição
Digital

Madre Joana Batista Minks

Um desafio e um apelo à nossa juventude

Irmãs Franciscanas da Imaculada Conceição - FIC



Autor: Irmã Ana Carolina dos Santos

FIC

Edição Digital





Autora: *Irmã Anna Carolina dos Santos (FIC)*

A autora é paulistana, pertence à Congregação Franciscana da Imaculada Conceição (FIC). A casa provincial no Brasil está sediada em Araraquara, estado de SP e a Casa Geral (Casa Mãe) em Graz na Áustria.

Sinopse: *Nesse livro Irmã Anna Carolina nos relata a vida de Madre Joana Batista Minks, austríaca. Fundadora da Província brasileira, que motivada por um grande amor a sua Congregação e seu incansável fervor missionário, trabalhou inicialmente material e espiritualmente, pelas missões africanas. Ficou 12 anos à frente da Congregação em Graz, inclusive durante o período da 1ª Guerra Mundial. Já sexagenária, ousou cruzar o oceano para, cheia de fé e esperança, implantar a nova semente nas terras de Santa Cruz. Seu lema era: “**Se é para servir, estou pronta**”. O seu fervor missionário acabou se concretizando em terras brasileiras. Aqui passou os quase 23 últimos anos de sua existência. Lançou a boa semente que frutificou e deu frutos em abundância. Hoje a Congregação, que agora leva o nome de Franciscanas da Imaculada Conceição (FIC), está espalhada em várias cidades dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Santa Catarina.*

1ª Edição: 1989 | Edição Digital: 2011



Editora Salesiana Dom Bosco
Cx. Postal 30.439 (Rua da Mooca, 766)
01051 São Paulo SP
Tel.: (011) 279-1211
Telex: (011) 32.431 ESPS BR

O Espírito do Senhor nos interpela

1988 — Século XX. Limiar de um novo século!

Agitação, corre-corre, atropelos, engarrafamentos, buzinas estridentes, músicas no mais alto volume, jovens irrequietos, filas, filas intermináveis e cada vez mais numerosas, preços subindo, mercadorias desaparecendo, greves, lutas de classes, povos na miséria... E a lista de queixas e descontentamentos não pararia aqui se não colocássemos um ponto final ou reticências...

Afinal, para que serve tal desabafo?

Alivia. Dissemos o que nos oprimia e alguém nos ouviu ou, pelo menos, o eco levou esse grito para longe, para o alto de uma montanha. E, de lá — quem sabe? —, poderá ser ouvido por um Homem de Boa Vontade.

E, em meio a todo esse burburinho, a história de uma alma simples cai em minhas mãos, em suas mãos.

Folheio-a. Será possível? Poderá ter existido alguém com tanta simplicidade de alma, tão pura, tão correta, temente a Deus e ao mesmo tempo destemida, arrojada? A mulher forte de que fala o Evangelho? Em pleno século XX?

Sim; ela existiu e hoje é colocada à nossa reflexão! É mais uma vez o Espírito do Senhor que nos interpela através de uma vida consagrada que soube elevar-se acima das contingências do dia-a-dia.

Muita coisa de sua vida simples, anônima, não mais é entendida por nós. Até nos escandalizamos. Se ela vivesse hoje, clarividente como era, talvez, em alguma coisa, agiria de maneira diferente. Nos últimos decênios, o mundo deu uma guinada de mais de 360°. Contudo, se algumas de suas atitudes hoje fossem diversas das de então, o essencial, o interior, o modo de ser, seria o mesmo. Sim, o essencial, o interior, só de Deus conhecido.

Por isso não nos enganemos, nem nos escandalizemos com algumas de suas maneiras de ser, vistas por nós como ultrapassadas. Fiquemos com o valor intrínseco desses atos. A semelhança de seu protetor — João Batista —, Madre Joana Batista foi também uma alma simples, humilde, corajosa, de fé inabalável que após um imenso trabalho em sua terra natal, veio, já aos 66 anos de idade, mas com espírito ainda jovem, preparar os caminhos do Senhor numa nova e desconhecida seara: a Terra de Santa Cruz. E, aqui, ela será para todos que a conheceram — e que a conhecerão através deste pequeno relato — um exemplo vivo de uma alma inteiramente voltada para Deus e dedicada ao serviço dos irmãos mais carentes.

A AUTORA

Perdida na neve

23 de fevereiro de 1856. Guntersdorf, Morávia, Áustria.

Inverno. A neve caía cobrindo com seu manto branco estradas, campos, cidades. Das janelas, apenas olhinhos curiosos observavam:

— Uma carruagem pára em frente à casa da família Minks. Uma senhora desce, carregando com cuidado um embrulho. Todavia, ao querer entregá-lo à mãe, que susto! Que decepção!

— Onde está a recém-nascida e neo-cristã?

— Meu Deus, o que aconteceu? Onde terá ficado a pobrezinha? E neste inverno rigoroso?

Às pressas, a carruagem com a comitiva dá meia-volta. Na estrada caminham em silêncio, apreensivos, atentos. De repente:

— Olhem! — é o grito que ecoa na estrada deserta, onde a neve continua caindo de mansinho, branca, leve e fria.

— Ali está!

— Santo Deus! Estará viva?

— Maria! Mariazinha! Como não percebi? — era a voz embargada da madrinha, ao retirá-la da neve. — Seu coraçãozinho ainda bate! Está viva! Milagre!

Aquece-a com roupas quentes, aconchega-a junto a si e tomam o caminho de volta.

— Agora, sim. Aqui está, Francisca, o seu novo anjinho. Grandes coisas devem lhe estar preparadas. Está salva por milagre.

O pai, Sr. Antônio Minks, professor, de família modesta, porém, de profunda religiosidade, também está radiante:

— Que o Senhor esteja sempre contigo e que sejas nossa alegria e de todos que te conhecerem.

Maria, a recém-nascida, era por demais franzina e inspirava cuidados. Por isso, o casal apressou-se em levá-la, apesar do inverno rigoroso, no mesmo dia do nascimento à pia batismal na Igreja de São Jorge, distante da casa uma hora, temendo que um sopro fatal a fizesse voar logo para o céu como acontecera aos irmãozinhos que a precederam.

Quem teria imaginado, naquele instante, que a mais tenra filhinha do casal chegaria às portas dos 90 anos?

Passado o susto deste episódio *sui generis*, festejaram a nova vida com a alegria e o encanto reinantes numa família modesta e temente a Deus.

Infância

Os que a viram nascer, com o passar do tempo, não se cansavam de exclamar:

— Esta pequena contraria as expectativas: está se tornando uma criança alegre, saudável, inteligente.

No seio da família, bastante numerosa, viveria seus dias mais felizes. A família era pobre, passava às vezes por dificuldades, mas ali reinava a paz, a concórdia.

Dona Francisca, esposa e mãe exemplar, de profundos sentimentos cristãos, esforçava-se por inculcar nos filhos as virtudes que herdara

Quando Maria completou cinco anos, o pai, percebendo a desenvoltura da pequena, lhe comunica:

— Filhinha, vou matriculá-la na escola. É a escola do papai. Lá você terá novas amiguinhas, aprenderá a ler e a escrever.

Mariazinha fica radiante com a notícia e, no dia seguinte, espera pelo pai:

— Papai, já é hora de irmos para a escola? Estou pronta. Veja a roupa com que mamãe me vestiu.

Distinguiu-se logo entre os demais alunos por sua vivacidade e rapidez em aprender.

Primeira Eucaristia

— Mamãe, logo que aprender as lições do catecismo poderei fazer a Primeira Comunhão?

— Só isso não basta. É preciso que seja obediente, estudiosa e não brigue com seus irmãozinhos. Jesus gosta das crianças boas, que rezam e não contrariam seus pais.

— Se me esforçar para ser boazinha a senhora pedirá licença ao vigário para eu fazer logo a minha Primeira Comunhão? Ó mãe, eu quero tanto receber Jesus.

A mãe conhecia bem sua filhinha e sabia que ela estava preparada para se apresentar à mesa eucarística. Por isso não vacilou em obter essa permissão do pároco.

Embora ainda criança, com que fervor recebeu Jesus Sacramentado. Toda de branco, o seu exterior era o reflexo da pureza de seu coraçãozinho de criança e como que relembra o dia de seu batismo, quando, perdida na neve, a brancura do caminho e a brancura

de seu vestidinho se confundiam, refletindo a limpidez de sua alma que se tornara o templo de Deus Altíssimo.

E a partir desse dia inesquecível, como lemos em seus escritos, com que unção entoava o hino em louvor a Cristo Eucarístico:

“Vamos todos louvar juntos
o mistério do amor;
a palavra de Deus vivo
transformou o vinho e o pão
no seu sangue e no seu corpo
para nossa salvação.
O milagre nós não vemos,
basta a fé no coração.
Tão sublime Sacramento
adoremos neste Altar”.

Órfã de pai

— Mamãe, que disse o médico?

— Meus filhos, papai está mal. Preparemo-nos para o pior.

Junto ao leito do moribundo, Francisca reza, rodeada pelos filhos. O pai agoniza. Ainda um olhar para todos e cerra os olhos para sempre.

Francisca estava viúva com sete filhos. Haviám precedido ao pai outros quatro filhos.

A situação financeira da família se agrava, mas mãe e filhos aceitam com espírito de fé a vontade de Deus e com coragem enfrentam a nova vida sem o chefe do lar.

Maria tinha apenas 9 anos, mas guardou a figura marcante da mãe que a todos animava a prosseguirem a caminhada. É o que testemunham seus escritos, muitos anos depois, quando já em terras brasileiras:

“*Em minha cela,*
debaixo do quadro do Sagrado Coração,
sobre a mesa, para meu consolo,
está a foto de minha mãe.
Como me alegra o seu olhar!
Há tanto tempo ela partiu,
antes que eu pudesse mais uma vez
revê-la sobre a terra.
Grande e pesado foi o sacrifício!
Porém, o que me consolou foi a certeza
de que as portas do céu estavam abertas
para recebê-la e recompensá-la
pelos heróicos sacrifícios que fez.
E, de lá da eternidade, com amor,
minha mãezinha vela sobre seus filhos;
cada manhã e ao anoitecer
ela me abençoa.
Ó meu Deus, eu te agradeço
por ter tido tal mãe.
Sem ela o que teria sido de nós?
Pois tão cedo o pai se foi.
Sim; à nossa mãe heroína,
todos nós, a felicidade devemos”.

O Espírito do Senhor repousa sobre mim

Maria ia crescendo no seio da família e apesar de ainda menina mostrava-se bastante segura de si. Os reveses da vida a fizeram amadurecer precocemente.

Um dia, quando estava com 11 anos, chega-se à mãe:

— Mãe, sinto que Deus me chama, como chamou Beatriz. Gostaria também de ser religiosa.

— E por que queres te consagrar a Deus? A vida religiosa é bela, porém, exige sacrifícios e renúncias. Estarás preparada para isso?

— Todos os dias tenho pedido a Nossa Senhora e a Jesus Eucarístico que me iluminem e me ajudem em minha vocação, e o que sinto é que realmente Ele me chama.

A mãe, como verdadeira cristã, não interfere mais na decisão da filha e no dia 30-07-1867 faz a longa e penosa viagem até Graz, onde se situa a Casa Mãe das Irmãs das Escolas (hoje Franciscanas da Imaculada Conceição). A Congregação era ainda recente (fundada há 26 anos por Madre Francisca Lampel), mas estava em franco florescimento, contando já com inúmeros membros e tendo como principal atividade a educação de crianças e jovens da classe média e pobre.

Recebeu-as Madre Catarina Luegger, geral da Congregação:

— Então, Maria, está mesmo disposta a servir a Nosso Senhor em nossa Congregação? Sabe que ficará longe de sua casa, de sua mãe, dos seus irmãos? Só poderá revê-los nas férias.

— Sim, sei; mas sei também que Jesus e Nossa Senhora me ajudarão a realizar este desejo.

A Madre se admira em ver a pretendente, criança ainda, com tal convicção e permite-lhe a entrada para o juvenato.

Mãe e filha se abraçam. Uma lágrima furtiva escapa dos olhos de ambas.

— Mãe, mande-me todos os dias sua bênção. Não me esquecerei jamais do que me ensinou.

— Adeus, filha. Que Deus te abençoe.

Os anos de preparação

Durante os anos que passou no juvenato revelou inteligência excepcional e atividade incansável. Sempre dócil e carinhosa com todos. Fez seus estudos ginasiais e o curso normal, concluindo-os aos 27-07-1875.

Admitida ao Postulantado, revelou firmeza e piedade incomuns.

Nas férias podia rever os seus, sua terra natal, seus amigos. Voltava sempre com novo entusiasmo, disposta a tudo dar de si para realizar seu intento.

A vestição

30/09/1875. Dia de festa na Casa Mãe. Terminado o retiro, há a entrada das Postulantes ao Noviciado. Entre elas, a nossa Maria Minks. Diante do altar, vestida de branco, lembra, mais uma vez, o dia de seu nascimento quando perdida na neve era apenas uma frágil criancinha. Naquele dia recebera a graça santificante e sua alma estava pura e branca como a neve. Agora, terminado o retiro, feita a confissão geral, sua alma continuava pura e branca como outrora, com a diferença de que aos 19 anos já não era uma frágil criança, mas uma jovem decidida e consciente; um longo caminho havia percorrido, semeado de luzes e sombras, de alegrias e sofrimentos, de lutas e de realizações.

O que ela terá dito ao Senhor nesse momento tão decisivo de sua vida?

Poderia imaginar, então, que se muitas lutas e sacrifícios já havia enfrentado, muito maiores ainda os teria que enfrentar?

Poderia imaginar que se em meio a tantas provocações muitas alegrias e realizações já havia conseguido, quantas mais haveria ainda de conseguir até o final da jornada?

Começa a Santa Missa. Maria está absorta em seus pensamentos.

O celebrante se aproxima da jovem e com voz firme pronuncia:

— De ora em diante te chamarás Irmã Joana Batista.

Maria se assusta um pouco, mas, imediatamente volta a si e reflete: “João Batista! Terei São João Batista, o precursor, como meu padroeiro. Assim como ele, quero também revelar Cristo ao mundo. A África! Como ficaria contente se pudesse ir para as Missões, para junto dos meus queridos negrinhos e levar-lhes pessoalmente a Boa-nova do Evangelho...”.

O dia da vestição passou-o com muita alegria. Na tarde desse mesmo dia começa o ano do Noviciado, tempo em que mais se aprofundaria no conhecimento da vida religiosa e, de modo especial, na espiritualidade da Congregação e na vida de São Francisco.

Transcorrido o ano de Noviciado, emite os primeiros votos, começando a vida ativa na seara do Senhor.

33 anos a serviço da juventude

23/02/1909. Após a lida diária, a comunidade da Casa Mãe, em Eggenberg, Graz, está reunida para um merecido descanso. Reúnem-se em pequenos grupos para o recreio da noite. Muitas levam seus trabalhos manuais e aproveitam aqueles instantes para pôr em prática seus dotes pessoais.

É inverno. Lá fora novamente a neve cai, cobrindo tudo com seu manto branco. A neve, o branco, como que perseguem Irmã Batista, fazem parte de seu cotidiano.

Irmã Batista, sempre fazendo jus a seu humor, conversa animadamente com um grupo de jovens professoras que com ela trabalham na escola.

— Irmã Batista, se não me engano hoje é o dia de seu aniversário. Quantos anos faz?

— Você tem boa memória. Como se lembrou disto? Não sabe que em nossa Congregação não costumamos festejar o aniversário e sim o onomástico?

— Ora! Mas não faz mal. Cantaremos os parabéns bem baixinho, só para a senhora. Alguém que foi perdida na neve e sobre quem foi profetizado que breve voaria para o céu, merece que se recorde o seu nascimento que já vai longe.

— Realmente, hoje faço 53 anos de idade e em breve farei 33 de vida religiosa. Quem diria?

— 53 anos de vida! 33 de vida religiosa! Chegaremos a tanto? Nós, sobre quem ninguém nada profetizou?

— Certamente chegarão à idade de Matusalém... ou, quem sabe, como Elias, serão transportadas ao céu num carro de fogo! — brinca a aniversariante e todas riem.

Os outros grupos ali reunidos querem saber o que está acontecendo, mas vendo Irmã Batista logo compreendem.

— Irmã Batista, vamos comemorar este aniversário de modo diferente? Não nos quer contar como foram esses 33 anos de vida religiosa?

— Com prazer. Sempre ficamos contentes ao recordar tudo que o Senhor tem feito por nós. É também uma maneira de agradecer.

— Isso mesmo. E para nós, que ainda estamos no início, servirá de estímulo.

— Minha vida no convento, aparentemente, não tem grandes novidades, pois passei-a toda nesta casa. No entanto, cada uma de nós, em seu interior, sabe que não é bem assim. A vida evolui; com o correr dos anos as coisas mudam ao nosso redor e nós também temos que mudar se não queremos ficar sozinhos ou como um peso morto. Há 33 anos atrás quem de vocês morava aqui?

— Eu nem havia nascido.

— Eu tinha apenas 5 anos.

— Eu ainda era jovem e nem estava pensando em ser religiosa.

— Agora compreendo: se não nos adaptamos ao tempo ficamos para trás, não é mesmo Irmã Batista?

— Isso mesmo.

— Em que ano fez sua primeira profissão?

— Em 30/09/1876; emiti, então, por três anos os votos temporários. Isto externamente, porque interiormente prometi fazê-los por toda vida. Imediatamente comecei meu trabalho na Escola Normal. Em 1878 tirei

o diploma do Curso Secundário e pude com mais tranquilidade trabalhar junto às normalistas. Após três anos de profissão temporária, emiti em 30/09/1879 os votos perpétuos, recebendo o nome de Maria como é costume na Congregação. Foi um dia inesquecível.

— Lembro-me também de minha profissão perpétua — intervém uma delas. — Nesse dia, esquecemos todos os sacrifícios passados e só de uma coisa estamos convictas: a nossa vida será única e exclusivamente voltada para Deus que será nossa recompensa e nos dará forças para dedicar todos os nossos dias ao serviço dos irmãos.

— A senhora não é também professora de francês, música e piano?

— Sim; tirei o diploma de música e piano em 1887 e de francês, em 1888.

— Ouvi dizer também que a senhora recebeu do Governo Austríaco a Cruz de Ouro.

— É verdade; recebi-a juntamente com a minha irmã, Irmã Beatriz. Estas coisas não são tão significativas para nós que trabalhamos por amor à juventude e pela nossa Congregação. Contudo, é importante para que os leigos percebam que na vida religiosa renunciamos aos prazeres do mundo, mas estamos sempre junto a eles, para servi-los e transmitir-lhes os ensinamentos de uma vida íntegra e temente a Deus. Essa homenagem foi prestada tendo em vista nossos trabalhos no ensino e, em nossas pessoas, foram homenageadas todas que com um coração sincero dedicam suas vidas em prol da educação.

— E além de professora, a senhora foi também diretora da Escola e do Internato?

— Da Escola fui por um tempo; depois passei o cargo para Irmã Beatriz. Hoje, como Diretora, cuido apenas do pensionato.

— E o que a senhora acha desse trabalho com a mocidade? Não é muito difícil e cansativo?

— Quando se trabalha com todo empenho, dando tudo de si, superam-se todas as dificuldades. Não podemos nos esquecer de que a mola propulsora é Deus; nas suas mãos somos apenas instrumentos e não devemos nos preocupar com os resultados. Uma vez que nos colocamos inteiramente ao serviço do outro, o importante é “servir”, nada mais.

— Mas, as alunas não a aborrecem com suas exigências?

— Quando entramos na sala de aula ou conversamos com as moças no internato, devemos procurar compreendê-las, sentir o que sentem, perceber suas angústias e suas alegrias. Ao perceber que as queremos bem, tornam-se dóceis e respeitosas e passam a nos estimar como se fôssemos sua mãe ou uma irmã mais velha. Nossa fé nos deve dar a certeza de que poderemos ganhar o mundo pela verdade e pelo amor.

— Nunca encontrou ninguém desanimada, desiludida?

— Quando encontro alguém desesperada sempre lhe digo: “Nossa vida é a extensão do amor de Deus, de sua misericórdia, de seus planos. Dia virá em que nalguma volta de seu caminho há de encontrar Deus”.

O sino toca; termina o recreio e tão gostosa conversa. Todas se dirigem à capela para a oração da noite.

Irmã Joana Batista, na sua humildade, não entendeu o rumo da conversa naquela noite. Todavia, louva

e agradece a Deus que por meio dela tantas maravilhas já operara em centenas e centenas de jovens que por ela passaram, recebendo seus ensinamentos e muito mais que isso, seu exemplo de alma simples e temente a Deus.

Ideal missionário

No diálogo daquela noite interrompido pelo toque da sineta um fato não chegou a ser recordado: o incansável fervor missionário da Irmã Batista.

Durante todo o tempo de sua vida religiosa trabalhou incansavelmente, material e espiritualmente, pelas missões africanas. Com seu zelo, arrastava outros para essa tarefa sobretudo as jovens que estavam ao seu cuidado. Com elas fazia trabalhos manuais, festas, rifas, teatros, cuja renda era revertida em prol das missões longínquas; oravam pelos missionários e pelos pagãos das terras do além. E no seu coração alimentava a esperança de, um dia, trabalhar no meio deles. Sabia no entanto que, como Teresa de Lisieux, no seu serviço e doação diária, mesmo sem sair de sua terra natal, poderia converter um sem-número de pagãos, e, mesmo sem sair do convento, poderia ser missionária de fato e de coração.

Uma de suas poesias, aliás um pequeno poema, recentemente descoberto entre seus pertences, na Casa Mãe, em Graz, nos revela o fervor de sua alma missionária, seu ardente desejo pela expansão do Reino de Deus. Data de junho de 1897, quando Madre Batista contava 41 anos. Transcrevemos alguns de seus versos:

"Meu anseio e minha súplica cotidiana
um peso eu carrego no coração:
o saber que tanta gente
tão longe de Deus ainda está,
não O ama, não O busca.
Entre tantos, merecem compaixão
aqueles que estando em agonia
são ainda pagãos.
... Se eu pudesse, voaria!
Ao deserto marcharia!
O batismo, aos gentios, administraria
para a eterna salvação.
Se eu fosse espírito,
às prisões, bem depressa, eu iria.
E aos mares, onde navios
levam gente pra escravidão.
E às arenas onde morrem
as vítimas da guerra,
e aos holocaustos dos idólatras,
onde amordaçado, desesperado,
está o grupo dos mais pobres.
Os hereges, com amor, eu chamaria
e a Deus, com fervor, pediria
lhes desse ainda um momento
para um grande arrependimento.
A tudo isso, porém, Santo Deus,
devo chamar de ilusão?
Não! Não pode ser em vão
que tão ardentemente eu almeje
das almas, a eterna salvação.
Pois, seu Sangue, Ele o deu totalmente
e ainda o dá diariamente
e eu o espalho com ardor
por todo o mundo sofredor.
E, espiritualmente, eu suplico

na casa distante do pecador,
na cabana, no calabouço,
na areia escaldante do deserto,
debaixo da forca e junto ao altar,
onde é queimada a vítima.
Com fervor, clamo aos Anjos,
à Mãe das Dores, a São José;
e para os céus eu grito:
Venham todos, ajudai, salvai!
Senhor, eu te imploro, esquecei
que sou eu que Vos peço
ouvi vosso próprio Coração,
quando na Cruz por nós derramastes
de Vosso sangue, até a última gota".

Servir na gratuidade — eis o lema

Sob a presidência de Madre Domínica as Irmãs das Escolas estão reunidas em Capítulo, que tem como uma de suas finalidades eleger a Madre Geral da Congregação. Irmã Domínica já ocupa o cargo por três períodos e tudo fazia crer que desse Capítulo sairia uma nova Madre Geral. Faz-se a votação e Irmã Joana Batista é eleita por maioria absoluta. Um tanto perplexa, mas, sempre bem humorada, ao ter que responder à tradicional pergunta: "Está disposta a assumir o cargo para o qual foi escolhida?", responde:

— "Se é para servir, estou pronta". Unidas trabalharemos para a construção do Reino de Deus, a favor dos menos favorecidos e pelo trabalho missionário, sobretudo o da África.

Todas a aplaudem e, após os cumprimentos, dirigem-se à capela para pedir bênçãos e luzes do Espí-

rito Santo para o novo governo que duraria 12 anos (1909-1921).

A noite, só em seu quarto, medita e ora: "Bem-aventurados os que se esquecem de si e, olhando para o alto, divisando os céus, bebem do infinito e, como as palmeiras, se elevam para Deus... Não veio o Senhor para ser servido, mas, para servir... Sua vida foi um dom em todos os instantes... Amar a Deus é fazer sua vontade nas grandes e nas pequenas coisas... A vida está cheia delas e nos oferece, a todo momento, ocasiões de dizer 'sim' a Deus... Cristo amou gratuitamente... Amou o Pai acima de tudo, e os homens, seus irmãos, com o amor do Pai... Senhor, ensina-me a amar e a servir à tua maneira".

Humilde instrumento nas mãos de Deus

No dia seguinte, encontra-se com Madre Dominica:

— Tenho fé em Deus de que seu governo será tranqüilo. A construção do Instituto aqui em Eggenberg, graças à sua própria colaboração como Diretora do Pensionato e a ajuda de sua irmã, Irmã Beatriz, está terminando. É verdade que ainda existem algumas dívidas a saldar, mas os pesados problemas da obra já passaram.

— Quem poderia imaginar que, um dia, caberia a mim a direção do Instituto? Enfim, Deus se serve também dos pequeninos para realizar seus desígnios. Tentarei da melhor forma levar avante a obra começada, procurando em todos os acontecimentos descobrir a vontade do Senhor.

— E nós todas estaremos unidas à senhora para que possamos atingir nossos objetivos.

— Madre Batista, está ali fora uma senhora que quer saudá-la e pedir-lhe uns conselhos — intervém uma Irmã.

— Diga-lhe que não me demoro — despede-se de Madre Dominica e prontamente a nova Madre atende ao chamado.

Assim se passaram os três primeiros anos: rápidos e serenos. Madre Batista dividia o seu tempo entre a oração, o atendimento às Irmãs da Casa Mãe, visitas às filiais, acolhimento aos que a procuravam em busca de um conselho, de uma palavra amiga, de um apoio. E a todos tratava igualmente: pobres e ricos, grandes e pequenos. A todos atendia como uma humilde serva e leal discípula de Francisco.

Nuvens sombrias encobrem a luz

Apesar da índole calma, do habitual bom humor, Madre Batista andava apreensiva. Algumas Irmãs, entre elas Madre Dominica, tentam ajudá-la.

— O que a preocupa tanto?

— Vocês devem estar acompanhando as notícias que os jornais vêm trazendo. A ameaça de uma guerra é eminente. As conseqüências da guerra todas nós conhecemos: mortes, destruição, epidemias, desemprego, colapso das indústrias, do comércio, dos meios de comunicação...

— Isto é bastante doloroso; contudo sabemos que situações internas também a preocupam. Em que podemos ajudá-la, Madre Batista?

— Vocês têm razão. O Instituto cresceu bastante. Além da Casa Mãe, temos 17 filiais com mais de 200

membros. Pode não parecer muito, contudo está exigindo de nós uma mudança que nem todas compreendem. Não podemos continuar mais com apenas uma Superiora para o comando geral, como no tempo de Madre Francisca.

— Mas, Madre Batista, já contamos com coordenadoras nas filiais que sabem despertar nas Irmãs o espírito fraterno e orientar, com segurança e bondade, as mais jovens...

— É que também aqui na Casa Mãe essa coordenadora se faz necessária. Somos mais de 100 Irmãs que vivemos sob o mesmo teto e não possuo tempo disponível para todas, pois grande parte dele é consumido na visita às filiais e muitos problemas internos ficam sem solução.

— E Madre Domínica não poderia ser essa coordenadora?

— Que bom saber que também pensam assim. Vou apenas esperar a aprovação do conselho para o novo cargo e então poderei nomeá-la — respondeu já mais aliviada.

E foi assim que Madre Domínica passou a ajudá-la no governo da casa e das Irmãs da Casa Mãe.

Por um tempo a situação se amainou, mas logo novos problemas surgiram.

Crescem as trevas

— Madre Batista, que poderemos fazer para que volte a união e o verdadeiro espírito religioso entre as Irmãs? — era Irmã Xaviera Longus, antiga Mestra de Noviças, que assim interpelava Madre Batista. Bastante

idosa, muito vinha sofrendo com o descontentamento reinante na comunidade, alimentado por Irmãs mais novas que tinham sido suas noviças.

— Percebo que lhes falta alguém com mão firme e ao mesmo tempo paciente e virtuosa que as oriente e mostre o verdadeiro sentido da vida religiosa. Enquanto são juvenistas ou noviças há quem as oriente, mas depois devem caminhar sozinhas. Nem todas possuem maturidade suficiente e deixam-se levar por idéias novas, vindas de fora, e que nem sempre correspondem à verdade.

— E com isso sofrem as mais novas e as mais velhas e o clima está muito pesado; temo por uma cisão na comunidade.

— Já estou idosa e doente — diz Irmã Francisca Grisold, que também havia sido mestra de noviças, aproximando-se das duas —, gostaria de oferecer minha vida pela paz e união entre as Irmãs.

— Se está convicta disto, peça ao Senhor que aceite seu holocausto.

As três fazem uma prece a Deus pedindo as luzes do Espírito Santo e retornam às suas atividades.

Madre Batista silenciava e confiava. Um trecho de suas poesias no-lo prova isto:

“No sofrimento, pensa que Deus é Amor!
Também na cruz, serve-o com alegria.
Deus manda escuridão e luz;
fala com Deus o que te acabrunha,
Ele governa, Ele é Pai, Ele tudo pode,
por que então tanto te preocupas?”.

Dias depois deste episódio Irmã Xaviera, idosa e doente como era, não mais resiste e deixa este mundo.

Não muito tempo depois, Irmã Francisca serenamente também parte para a Casa do Pai. Deus aceitara a oferta de suas vidas e a paz volta a reinar entre as Irmãs. Uma das dissidentes, porém, prefere deixar a Congregação.

Como Maria, Madre Batista meditava sobre esses acontecimentos e repetia: "Senhor, eis-me aqui". E como Cristo, no Getsêmani, orava: "Pai, faça-se a tua Vontade".

Em meio à escuridão, brota nova vida

29/06/1914. Uma das Irmãs entra apavorada na comunidade com um recorte de jornal.

— Madre Batista, já leu a notícia? O Arquiduque Francisco Ferdinando foi assassinado ontem, em Sarajevo, na Sérvia.

— É a gota d'água que faltava para explodir a guerra. Precisamos estar preparadas.

Precisamente um mês depois (28/07/1914) irrompe a Primeira Guerra Mundial. Todos os recantos da Áustria são atingidos.

A guerra é o monstro que tudo devora e destrói.

Contudo, entre as Irmãs serviu para uni-las em torno da Superiora. Os sofrimentos suportados em comum tornaram-se a causa de uma nova vida de muito mais profundidade, vigor e espírito fraterno.

— Que nos cumpre fazer? Estamos prontas para qualquer sacrifício pela pátria ameaçada.

— As Irmãs mais novas precisam fazer o curso da Cruz Vermelha e parte dos nossos edifícios escolares

serão cedidos para servir de hospital. Os feridos não tardarão a vir e exigirão de nós inteira dedicação.

E assim foi. Dia e noite as Irmãs se colocaram à disposição das vítimas da guerra. Aos poucos o cansaço se fazia sentir e notava-se também a penúria de alimentos.

Tudo isso pesava nos ombros de Madre Batista. Quatro vezes fora reeleita e todos esses anos foram cheios de crises e sofrimentos provenientes da guerra. Afinal, de todos os recantos da Áustria, como de toda a Europa, se pôde proclamar com Isaias: "Levanta com força, tua voz, tu que anuncias a Boa-nova da paz". Era o doce, mas ainda amargo fim da guerra, pelas consequências deixadas.

Como reconhecimento pelos serviços prestados, Madre Batista foi condecorada com a medalha de prata da Cruz Vermelha.

No mistério da cruz revigora-se a vida

Apesar de tudo, também nesses anos de provação a Congregação cresceu: em 1916 inaugurou-se a Escola em Strassgang e as Irmãs começaram suas atividades em Kranten e Döllach; no ano seguinte foram para Freudenau.

Mais uma vez ficaria confirmada a doutrina de Cristo: "O amor que se prova pela cruz, é a força mais duradoura do mundo; o instrumento mais poderoso e eficiente para a paz e a união".

Alimentados pela energia de um Deus sofredor, fermentamos uma nova realidade: sinais de nova vida e expansão do novo Reino.

O centro da história do mundo está na cruz. Nela, a vida se revigora; todos os homens são revelados como amados de Deus e preciosos à sua vista.

O tempo era de mudança

Ao lado das preocupações externas, Madre Batista tomava muito a peito a reforma dos Estatutos da Congregação.

Amigos bem intencionados já lhe haviam dito:

— Essa maneira de administrar o Instituto já não serve. O mesmo assemelha-se a um jovem já crescido que ainda não se desfez das vestes de sua infância, sentindo-se incomodado com isso.

— Isso não é novidade para mim. Necessário se faz uma adaptação a uma forma mais atual. Apenas aguardo o tempo oportuno.

E esse tempo não tardou a chegar. Em 1917 entra em vigor o tão esperado “novo Direito Canônico”. Era o momento adequado. Outras Ordens e Congregações também fariam o mesmo.

Apresenta-se ao renomado canonista Padre Agostin Arndt:

— Padre Agostin, gostaria bastante que o senhor pudesse rever nossos Estatutos e, salvaguardando o espírito primitivo, fizesse as necessárias adaptações ao novo Direito. Penso ser também oportuno que nossa entidade passe a Direito Pontifício. A alteração de nossas fronteiras, após a guerra, tornam urgente tal medida.

— Fá-lo-ei de bom grado, pela estima que lhe tenho e ao Instituto.

Prontos os novos Estatutos, Madre Batista apressa-se em torná-los conhecidos das Irmãs para que pudessem observá-los.

Século XX. Uma Nova Era

Saudado festivamente em 1900, só iria propriamente começar com o término da guerra mundial. Até lá ainda haveria o clima do século XIX.

Também no seio da Congregação, a adaptação ao novo Direito Canônico não era fácil. Por 80 anos tinham trilhado um caminho fixo e tanto se tinham arraigado aos costumes antigos que qualquer mudança causaria sofrimentos.

Mas nada do que é grande se faz sem lutas e renúncias. Quanto custa à ostra produzir sua pérola!

A semente estava lançada; breve brotaria e o sol, com seus raios benéficos, revigoraria a nova plantinha por ora ainda tão efêmera.

Essa tarefa, porém, não estava reservada à Madre Batista em sua terra natal. Novas e desconhecidas paragens a aguardavam. Após 12 anos à frente da Congregação, passa o governo geral à Madre Afonsa Hajek.

Madre Batista, embora já sexagenária, ousaria ainda cruzar o oceano para, cheia de fé e esperança, implantar a nova semente nas terras de Santa Cruz.

Sonho ou realidade?

Estamos em 1921, no fim do mandato de Madre Batista.

Quando nada mais faria supor a possibilidade de um trabalho em terras de além-mar, surge o enviado de Deus, Padre Estêvão Heigenhauser, Redentorista, que fora a Roma para o Capítulo Geral de sua Ordem como representante das casas do Brasil. Passando pela Austria, conheceu as Irmãs das Escolas e lhes falou acerca de seu trabalho em terras brasileiras. Tal fato fez reavivar em Madre Batista o ideal missionário.

Em janeiro de 1922, D. Lídia de Souza Rezende, filha da Baronesa de Rezende, em viagem pela Suíça e França, conheceu as Escolas de Serviços Domésticos e desejou introduzi-las no Brasil. Entrando em contato com o Padre Estêvão, D. Lídia soube do desejo de Madre Batista.

Graças à intervenção do Padre Suitberto, Redentorista, o Prelado concedeu às Irmãs a necessária licença episcopal para a nova fundação no Brasil.

Madre Batista, assim como Abraão, viu cumprida a promessa. Aos 66 anos, realiza seu sonho de ir para as Missões.

As pioneiras

Já no Capítulo Geral de setembro de 1921, quando Madre Batista entrega o governo da Congregação para Madre Afonsa, ao se dar conhecimento das transferências, foram fornecidos também os nomes das voluntárias para o trabalho missionário no Brasil. Eram seis as que, logo que se concretizassem os planos para a nova fundação, viriam para o Brasil:

- 1 — Madre Joana Batista Minks
- 2 — Irmã Geralda Urschler

- 3 — Irmã Adolfine Luber
- 4 — Irmã Fortunata Stradner
- 5 — Irmã Edmunda Baier
- 6 — Irmã Leocádia Scheucher.

Deixa a tua terra e vai...

Para não perder a oportunidade de viajar com Padre Suitberto, que se oferecera para levar as Irmãs, os preparativos para a viagem e as despedidas foram rápidas. Nem por isso foram menos difíceis. Como sói acontecer, sobretudo numa despedida como esta (estavam certas de que não teriam mais condições de rever sua pátria e os seus), foi grande a emoção: um misto de lágrimas e sorrisos; lágrimas pela dor da separação; sorrisos pela esperança de um profícuo trabalho nas terras de Santa Cruz.

Era o sonho de Madre Batista feito realidade, não, porém, da maneira como ela o imaginara. Como Abraão, o Pai dos crentes, Madre Batista também acreditou na palavra do Senhor: "Deixa tua terra e vai para a terra que eu te mostrarei...". E prontamente partiu, se pôs a caminho. Como tudo se deu, tão inexplicavelmente, no-lo conta a própria Madre Batista numa das poesias:

"Minha resolução pelas Missões.
A princípio, todo meu desejo
estava voltado para a África.
O trabalho com os negros tinha em mente;
depois tudo mudou.
Como tal aconteceu?
Foi Deus, foi Deus.

Foi Ele quem me chamou.
Um servo de Deus, um Missionário,
soube de meus desejos e me procurou
e prontamente, respondi: 'eu vou'.
Não houve tempo para refletir.
Imediatamente ao pastor eclesiástico,
esperançosa, me dirigi.
Ele se assustou;
mas seu conselho conclamou.
E veja! Todos foram a favor.
Era mesmo a vontade do Senhor.
Apenas três semanas de preparação.
E depois a despedida.
Sim, a despedida! Como foi difícil!
E entre lágrimas a separação.
Mas, mesmo com o coração partido,
o sacrifício foi assumido.
À semelhança dos cruzados,
estávamos alegres e bem-humoradas:
— Sejam muito felizes; até um dia! —
é o que de todos os lados se ouvia.
— Até um dia! (Na Eternidade?)
Sim, nós o sabíamos: só na Eternidade.)
A princípio, o mar estava bravio.
Parecia uma canção de despedida.
Valerá a pena reviver?...
Agora, porém, tudo passou,
e vejo com clareza
que Deus tinha seu desígnio sobre mim".

No "Capitão Polônio"

- Estamos em alto-mar.
- Já são 15 dias de viagem; só céu e água.

— Assemelhamo-nos a Colombo em busca da nova terra.

— Não fosse Padre Suitberto (mais tarde abade de Secau), estaríamos mais apreensivas.

— Que sorte tivemos em aceitar seu convite.

— Foi um pouco corrido, mas valeu. Ele nos ajudará sobretudo ao desembarcarmos, pois como nos sairíamos com as poucas palavras que conhecemos do português?

— E como foi generoso ao nos doar as passagens.

Após 20 dias de viagem, o Capitão Polônio, que partira de Hamburgo no dia 16/02/1922, aportou finalmente em Santos.

No porto de Santos

- Como se chama?
- Madre Joana Batista Minks.
- Quantos anos tem?
- 66.
- E veio para ficar?
- Sim; para trabalhar com os pobres e a juventude — intervém prontamente Padre Suitberto.
- Com essa idade?
- Mas ela tem o entusiasmo e o coração de uma jovem e já ama intensamente o Brasil. Não se arrependará de permitir sua licença.

Não se sabe, até hoje, se foi pela intervenção do Padre ou porque compreenderam o valor da obra que por seu intermédio se iniciaria, o certo é que não mais

puseram resistência à entrada de Madre Batista no Brasil. Do que não podemos, porém, duvidar é que a fé, a coragem e a oração, mais uma vez venceram. E mais uma vez se cumpriram as palavras do Evangelho: "A fé transporta montanhas".

Partindo de Santos, dirigiram-se para São Paulo, onde Madre Batista deixou com as Vicentinas, no bairro da Penha, três de suas Irmãs para ali aprenderem mais depressa o português e se familiarizarem com os costumes do povo. Com as outras duas fez, de trem, a viagem para Piracicaba.

Um novo horizonte se descortina

Piracicaba, a Noiva da Colina, mais precisamente Vila Rezende, seria o berço da nova Fundação. A alguns metros apenas do local onde se instalaria a nova residência, o rio Piracicaba, que ali corre, forma o salto que naquela época era bem mais majestoso que nos dias atuais. Na queda, forma um lençol branco como a lembrar a neve da terra distante, que lá ficara para sempre e só revivida na saudade daqueles corações generosos que inteiramente se entregaram ao Senhor da Seara. Era mais uma vez o branco que se destacava, parecendo ressaltar a simplicidade e a pureza de alma daquela criatura que ali estava, aos 66 anos, mas corajosa e pronta a servir como a mulher forte do Evangelho, sorridente e cândida como uma criança. Em seu íntimo, mais uma vez revive o episódio de seu nascimento e, com a alma em prece, agradece a Deus ter-lhe dado haurir a ventura desse momento tão misterioso e profundo.

Um novo horizonte se abria para as pioneiras, que pela primeira vez pisavam a Terra de Santa Cruz.

Foram recebidas pelo Cônego Jerônimo Galo, pelo povo de Vila Rezende e por Dona Lídia que as chamara para o Brasil. Chegaram acompanhadas pelo Padre Estêvão que até sua morte (1937) sempre lhes demonstrou paternal solicitude.

Um pequenino, Mário Witier, que ainda vive, oferece à Madre Batista um ramallete de flores com a expressão: "Ich lieb Sie von ganzem Herzen!" (Eu amo você de todo coração). Foi uma cena comovente.

Enquanto aguardavam o término da casa, onde iniciariam suas atividades, hospedaram-se na chácara São Pedro, pertencente à Família Rezende.

Instituto Baronesa de Rezende

— Veja, Madre Batista, está bem assim? Terminei.

— Ótimo; agora sim. O restante pode ficar para amanhã.

— Mas, a senhora prometeu-me contar como e porque vieram para o Brasil. Quem assim a interpelava era uma pequena de doze anos.

— Você não esquece mesmo, não é? Então, ouça: saímos da Áustria no ano retrasado; por três semanas viajamos sobre o mar, dia e noite. Foi emocionante ver novamente a terra, após tantos dias sobre as águas, onde só se via céu e mar.

— Vinte dias! E a senhora não ficou com medo?

— Não; só às vezes, quando havia tempestades e o mar ficava bravio.

— E depois?

— Depois, viemos para cá. Nossa casa, doada pela Família Rezende, foi inaugurada no ano passado (1922), no dia 19 de março, dia de São José, pelo qual nutro grande confiança, pois muito nos tem protegido.

— Quem é São José?

— O pai adotivo de Jesus, esposo de Nossa Senhora.

— Ah! Sim! E depois?

— No dia 11 de junho inauguramos a “Escola de Serviços Domésticos” que recebeu o nome de Instituto Baronesa de Rezende em homenagem à D. Anna Cândida Conceição de Rezende, mãe de D. Lídia, nossa benfeitora. Aliás, Irmã Lídia, que você conhece, tem também esse nome em homenagem a ela, pois veio para cá como postulante e foi aqui que tomou o santo hábito.

— Nossa! Quanta coisa! Postulante! Que é isso?

— É como chamamos as mocinhas quando estão se preparando para se tornarem religiosas.

— Hoje já temos dois locais para trabalhar: aqui, em Piracicaba, e em Itapira. Tanto aqui como lá temos o Jardim da Infância. Ouça o barulho das crianças; estão saindo e você também deve ir agora.

— Obrigada, Madre Batista, pelas informações. Vou contar tudo isso à minha mãe e à minha irmãzinha. Amanhã a senhora me explica porque vieram de tão longe? Até amanhã.

— Até amanhã.

Como Maria e José a caminho de Belém

— Irmã Leocádia, o que está sentindo? Parece tão pálida?

— Realmente; faço um esforço sobre-humano para me manter em pé.

— Precisamos consultar um médico.

Após a consulta, o diagnóstico do médico:

— A doente precisa ser levada a Campos do Jordão e internada imediatamente.

Irmã Leocádia era a mais jovem das pioneiras; aprendera facilmente o novo idioma; era hábil em trabalhos manuais e dela muito se esperava. Sua perda seria um duro golpe para a comunidade.

Resignada, Madre Batista, com a ajuda do Vigário, parte com a Irmã para São Paulo. Lá chegando, vão de um lugar a outro, sem encontrar quem as acolha por uma noite.

Só resta a última esperança: procurar o convento dos Redentoristas na Penha.

Padre Pedro as recebe:

— O que aconteceu?

— Irmã Leocádia está doente; deve ser internada. Precisamos de hospedagem por uma noite.

— Entrem. Vamos lhes preparar pelo menos uma sopa quente.

E como o bom samaritano, Padre Pedro não só as abriga, mas se prontifica a levar pessoalmente a doente para Campos do Jordão, de onde foi depois transferida para Santos.

Para visitar e alegrar a Irmãzinha doente e longe da pátria, Madre Batista não mediu sacrifícios; não conhecia pobreza, nem distância. Sempre que podia, lá estava. E assim o fez até que Deus a levou para junto de Si. Baldados foram todos os esforços para salvá-la.

Nascida do Amor, vivendo pelo Amor, ao Amor voltou. Como gota d'água vinda do oceano e caída sobre a terra, ao oceano retornou, silenciosamente. Era o dia 03/11/1925.

A dor foi grande, mas, o sacrifício não foi em vão. "Se o grão de trigo, caído na terra, não morrer, não frutificará, mas, se morrer, dará muito fruto."

E foi o que aconteceu. Logo após sua morte, as condições financeiras da pequena Comunidade começaram a melhorar, as dificuldades a desaparecerem.

"A Seara é grande, mas os operários são poucos"

— Precisamos de mais Irmãs — era assim que infalivelmente terminavam as cartas de Madre Batista à Casa Mãe. E várias vezes foi atendida.

Em agosto de 1922 vieram as Irmãs Mansueta e Anatólia e mais duas juvenistas. Uma tomaria o hábito em dezembro, recebendo o nome de Irmã Lídia. Sua mestra seria a própria Madre Batista. Outra voltaria à pátria, pois sua saúde não agüentou a mudança de clima.

Em novembro de 1923, chegaram as Irmãs Maurícia e Clemência. Mais algumas outras Irmãs se seguiram a estas nos anos seguintes.

Em 1926, justamente quando se celebrava o jubileu de ouro de Madre Batista, chegaram as Irmãs Miguela e Inês e a postulante Margarida Reichman. Junto com ela, no ano seguinte tomou o hábito a primeira brasileira, Cleópatra, que receberia o nome de Irmã Francisca, lembrando o Seráfico Pai; e a austríaca (que ainda vive e trabalha atualmente no Lar Santa Terezi-

nha, em Araxá, Minas Gerais), o nome de Maria Aparecida, em homenagem a Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil.

Desta forma, iam dando os frutos desejados, os sacrifícios feitos pelas primeiras Irmãs. A pequena planta criava raízes e em breve se tornaria frondosa árvore.

Jubileu de Ouro

13/09/1926. 4 horas da manhã. A Matriz de Vila Rezende já estava toda iluminada. O que estaria acontecendo?

Madre Batista festejava nesse dia 50 anos de vida religiosa. Todavia, em sua humildade, não quis festejá-los em público. (Acaso teria hoje agido de modo diferente?) Apenas o Padre Estêvão, o Celebrante e as Irmãs da comunidade comemoraram essa data com a Santa Missa e a Renovação dos Votos. Estava imensamente feliz, mas de uma felicidade íntima que queria guardá-la só para si e os que lhe eram mais caros. Isto, porém, não impediu que ex-alunas e conhecidos seus viessem felicitá-la. E como presente áureo, como já dissemos atrás, junto com os cumprimentos das Superiores, chegaram da Europa duas Irmãs e uma postulante que vieram engrossar as fileiras do Instituto.

Criação da Província Brasileira

Araraquara. Verão de 1934. 19,30 horas.

Como de costume, as Irmãs fazem seu habitual recreio na sala da comunidade.

O centro da conversa, naquela noite, foram Madre Batista e as obras da Província.

Uma das Irmãs comentava:

— Outro dia, conversando com a mãe de uma ex-aluna, ela me dizia: Embora Madre Batista já tivesse 66 anos quando chegou ao Brasil, fez tantas e tão grandes obras que dificilmente uma mais jovem a superaria.

— É verdade — retruca outra. — Não podemos, porém, nos esquecer que há muitas outras que aparentemente mais insignificantes, nunca chegarão ao conhecimento dos homens.

— E essas, talvez, sejam as mais heróicas; no entanto, enquanto aquelas são por nós admiradas, estas só de Deus são conhecidas.

— Sempre tive curiosidade para saber como começou a obra em Ribeirão Preto. Você sabe?

— Ah! Sim! Espere... Foi em 1926. Como não estavam dando certo os trabalhos em Itapira, Madre Batista transferiu as Irmãs daquela casa para Ribeirão Preto onde estamos até hoje. Nesse mesmo ano, sempre com a orientação do Padre Estêvão, as Irmãs iniciaram suas atividades no Asilo de Mendicidade de Araraquara e, um ano depois, na "Gota de Leite" da mesma cidade.

— Demos assim, como já ouvi comentários, um passo importante, passando da atividade escolar exclusiva para a assistência aos velhos e doentes.

— E de fato, a adaptação das Irmãs estrangeiras ao setor assistencial é muito mais fácil que ao educacional.

— E quando nos tornamos Província?

— Em 1927, a Congregação foi dividida em três Províncias, sendo uma delas, a nossa.

— E nossa primeira Provincial foi Madre Batista, não é isso?

— Sim; mas, em 1930, sentindo o peso dos anos, propôs uma substituta.

— Foi então que nomearam Madre Adolfina?

— Sim; mas antes de deixar o cargo, construiu ainda o Noviciado, em Araraquara, e já no ano seguinte, cinco noviças vieram alegrar a nossa casinha de Nazaré, onde tudo era muito pobre e se vivia um verdadeiro espírito franciscano.

— Madre Batista foi então nomeada Mestra de noviças, cargo esse que ocupou por ainda três anos.

— E as Irmãs que fizeram o noviciado com ela são unânimes em afirmar que mais do que com palavras, ela ensinava pelo exemplo.

Um fato curioso

Quem no-lo conta é Irmã Isabel, noviça de Madre Batista:

— Num domingo, fui atacada de forte dor de cabeça. Que fazer? Não tinha sequer um comprimido. Fui ao quarto da Madre e lhe pedi alguma coisa para minha cabeça.

Ela muito sensibilizada me disse:

— Não tenho nenhum remédio, nem tampouco nenhum mil réis para comprá-lo, mas, o que tenho, te dou.

Molhou, então, seu dedo na água benta e escreveu o nome de Jesus em minha testa. Ao acabar de escrever, onde estava a dor de cabeça? Desaparecera, como por encanto. Admirada, saí do quarto, muito contente, e fui à capela agradecer. Madre Batista era assim: simples, de muita fé, uma fé abraâmica e de uma piedade invejável. Uma vez, enquanto noviça, tive a oportunidade de observá-la durante a Missa: que recolhimento profundo! Era uma santa que rezava.

Espiritualidade de Madre Batista

Madre Batista foi sempre um exemplo. Como fiel discípula de Francisco, era submissa às ordens civis e eclesiásticas. Contentava-se apenas com o mais necessário e usado. Aproveitava toquinhos de lápis, retalhos de papel, pedaços de pano. E dizia: "Uma Franciscana deve reproduzir em si os traços e as virtudes do Pai São Francisco".

Quando em Vila Rezende, por ocasião de seu onomástico, foi presenteada com um par de sapatos; não queria usá-los, pois eram bonitos demais para ela e os que tinha ainda serviam. E já os tinha há dez anos! Foi necessário o Monsenhor Galo intervir para que os aceitasse.

Sua pureza e limpidez de alma também transpareciam em todo seu semblante.

Seu andar, falar, o fechar de uma gaveta ou de uma porta, tudo nela indicava o perfeito domínio que tinha sobre si. Era sempre pontual ao levantar, estimulando a todas com seu exemplo. Nunca omitia os exercícios comuns. Chegava à capela com seus passinhos ligeiros e com as mãos postas. Apesar de seus 75 anos, fazia a

genuflexão e, inclinando profundamente seu corpo alquebrado, beijava o chão. E quando lhe foi aconselhado deixar esse exercício, devido a sua idade, resolutamente respondeu: "Por que eu, criatura pecadora, não deverei beijar o chão?". Com que devoção fazia, também, a sua hora santa, a via-sacra, rezava o Ofício Divino. Mas, era sobretudo durante a Santa Missa que se percebia o grande amor que abrasava seu coração.

Apesar da idade, nunca quis nada de extraordinário, nem tomava coisa alguma fora das refeições, mesmo nos dias de muito calor. Se lhe perguntavam o porquê, invariavelmente respondia: "O bom Deus tudo faz bem e gosta de nos mandar seus presentinhos, como o calor, o frio, para não nos esquecermos Dele". E como tratava a todos? Estão lembradas? A bondade transparecia em todos os seus atos e tinha particular predileção para os doentes e sacerdotes. Como São Francisco, amava e admirava a natureza, vendo nela a onipotência divina. Uma flor, uma pedrinha, uma estrela, as montanhas, os rios, os pássaros, tudo para ela era a revelação da grandeza e amor de Deus. Sua alma simples e pura expressava isso em poesias singelas:

"Caule dobra-te

Caule, dobra-te; caule, balança-te
para lá, para cá, suavemente, ao vento.
Deus te guarde, Deus te proteja,
pois és, também, um filho de Deus.
Se vier um temporal
não te amedrontes, pois, Ele te ama.
Caule, dobra-te; caule, balança-te
para lá, para cá, suavemente ao vento".

"Os pardais

Querido, jovial pardalzinho,

moleque e ladrãozinho,
com que esperteza fazes as coisas;
moleque e ladrãozinho,
sem muito querer te dou este título.
Mas, é verdade, por isso não te ofendas;
com que gosto te dou frutas e sementes.
Por que então roubas, moleque, ladrãozinho?"

"Cinco coisas

Há cinco coisas bem tristes
e de tristeza parecidas:
uma noite sem estrelas,
uma floresta abatida,
um barco sobre as ondas,
perdido o leme e as esperanças;
um deserto sem palmeiras,
uma casa sem crianças."

Seu carinho pelo Brasil

É também através de suas poesias que ela revela
de maneira jovial seu carinho por nossa pátria:

"No Brasil

Como queima o sol no Brasil.
Não seria necessário tanto.
Mas, quem conhece esta terra
fica contente e alegre se levanta,
por saber que isto é um bem,
porque, com o calor do sol,
as frutas amadurecem rápidas,
as crianças pulam fora da cama
e gritam:

— Estão maduras! Que bom! Que gostosas! —
e até o último pedaço as saboreiam.
Oh! gritam os pequenos, são deliciosas!
E satisfeitas, o choro esquecem
e assim corpo e alma se renovam.
Oh! quão maravilhosa é a bondade do Senhor!
Mesmo se esquecemos de agradecer,
Ele nos ajuda com prazer".

Aos 80 anos, como era Madre Batista?

Ela mesma nos responde em mais uma de suas
poesias:

"Como eu vou?

Já sou bastante idosa
totalmente contra aquela profecia:
que logo no velório estaria,
que filha da morte logo seria.
Como é que então com saúde
alcancei idade tão elevada?
E minha tarefa não foi fácil.
Por isso, Deus seja louvado.
Ainda com lucidez, conto os anos.
Logo 82, e ainda sinto a força
que habita dentro de mim;
esperta, sem bengala, eu ando,
escrevo sem óculos e sem engano.
Oh! Graça eternal!
Se Ele as coisas quer mudar
nada tenho a retrucar
tudo lhe devolvo agradecida
e será nossa, a pátria celestial
o reino sem igual".

Fogem-lhe as forças

Como uma vela que devagar e silenciosamente se consome: assim foram os últimos anos de Madre Batista.

Quem não conheceu sua vida intensa, seu labor insano não a compreenderia nos seus últimos anos que a tornaram infantil. Passou-os rezando, descansando e até brincando com bonequinhas, mas sempre com fins pedagógicos, como a recordar os saudosos tempos de sua mocidade, gastos na educação da infância e da juventude.

Curvada pelos anos, suspirava pelos céus. Uma grave enfermidade prostrou-a. Não se atemorizou ao receber dos médicos a notícia de que seu estado não teria cura.

A morte não a assustava. Com que piedade recebeu a Unção dos Enfermos. Com voz clara e forte ainda renovou os santos votos.

Perguntada se tinha medo de morrer, respondeu:

— Não; o bom Deus sabe tudo; seja como Ele quiser. Estou pronta para partir ou... para ficar... Quem sabe? E os meus negrinhos virão numerosos ao meu encontro.

“Se eu for primeiro”

Nessa ocasião, visitou-a Frei Jacinto, aproveitando para ouvi-la em confissão. Ao sair do quarto, com lágrimas nos olhos, revelou:

— Na minha vida sacerdotal não encontrei alma tão correta. Vocês vão perder uma santa. Dei-lhe uma incumbência: dar um abraço em nosso Pai São Francisco e sabem o que me respondeu?

— Não lhe posso dar certeza do cumprimento desse pedido; seja como Deus quiser, se eu for primeiro...

E de fato, sua hora não havia ainda chegado.

Quinze dias depois, Frei Jacinto deixava este mundo e Madre Batista se restabeleceu e pôde ainda celebrar o seu jubileu de diamante (60 anos de vida religiosa).

E ainda por vários anos suas co-irmãs tiveram a felicidade de ouvir suas histórias sobre a Congregação que ela tanto amava.

O grande momento

“Como a corça suspira pelas águas da torrente, assim a minh'alma suspira por Vós, ó meu Deus!”

Sentindo-se novamente enfraquecida, percebeu que seus dias estavam contados. Pediu para terminá-los em Araraquara, onde ficavam a Casa Provincial e o Noviciado. Ali, poderia melhor preparar-se para a grande hora.

Nesses últimos dias, Madre Batista não mais deixou o leito. Foram dias de muito sofrimento, mas, também de grande serenidade até o despontar do dia de seu encontro com o Pai.

11 de novembro de 1945. Um domingo. 16 horas. O astro rei ainda brilhava e seu clarão avermelhado,

embelezava, na "morada do sol", o horizonte; lá longe, no além-mar, o frio começava a chegar e a neve que tanta ligação tinha com sua vida, não tardaria a cair.

Madre Batista, no seu leito de dores, agonizava, rodeada pelas Irmãs da comunidade e assistida por Monsenhor Lourenço, capelão da Casa do Noviciado.

Por sua mente, como num espelho, perpassam o seu nascimento, o batismo, a neve, sua infância, a vocação religiosa, a Casa Mãe, os dias de luta, o oceano, o Brasil, a África, as Irmãs, enfim, toda sua vida e viu que toda ela era do Senhor. Que mais lhe restava, pois, senão ir ao encontro daquele que fora a razão do seu viver?

E assim, às 20 horas, placidamente cerra os olhos e entrega sua alma pura ao Divino Esposo, como uma criancinha que confiante se atira aos braços de sua mãe.

No céu já brilhavam as estrelas e todos ali presentes suavemente entoaram o canto:

"No céu, no céu,
Com minha mãe estarei...".

No dia seguinte, o enterro; melhor se diria, o cortejo triunfal. Saindo da Capela das Irmãs, passou pela Matriz onde o corpo foi novamente encomendado e daí para a necrópole de São Bento. Grande massa popular, professores, alunos, representantes das escolas da cidade, Irmãs da Santa Casa, Asilo, Beneficência e das cidades vizinhas, irmandades religiosas, além de 7 sacerdotes estavam presentes.

Era a exaltação da humildade e da dedicação heróica daquela que doara toda sua vida em prol dos menos favorecidos.

"Minha alma engrandece o Senhor
porque olhou para a humildade de sua serva
depôs do trono os poderosos
e exaltou os humildes."

Última descoberta

Oito dias após sua morte, sua irmã enfermeira ao abrir o seu livro de Missa encontrou escrito, de seu próprio punho, uma oferta de suas faculdades mentais e de sua vista, feita em 1888, quando Madre Batista contava 32 anos.

Muitos anos mais tarde, Nosso Senhor aceitou essa oferta, recebendo sua inteligência, mas deixando-lhe a vista até o fim para que pudesse perfeitamente ver as maravilhas da natureza que ela tanto amava.

O oferecimento heróico de suas faculdades

"Eu, Irmã Maria Joana Batista, a mais indigna serva de vosso Divino Coração, afirmo e renovo nestas linhas, a mais completa doação de todo o meu ser, de todas as minhas forças, tanto da alma como do corpo, das minhas alegrias e sofrimentos e de tudo que eu fizer e também o que omitir. Como por uma inspiração divina, o executei ontem, dia 02 de setembro de 1888, depois da sagrada comunhão, com sua presença sacramental e sob a proteção de sua Santíssima Mãe, meu Anjo da Guarda e meus padroeiros. Neste sentido, eu entrego a este Sagrado Coração meus olhos e minha inteligência, pois a perda deles seria meu maior sacrifício. Mas, estou pronta para tudo e entrego-me sem reserva a este Sacrossanto Coração.

Renovo no Coração de meu Divino Esposo, a minha dádiva e todas as aspirações de meu pobre e miserável coração; conjuro e peço em nome de sua bendita Mãe e de sua serva Margarida Maria Alacoque, de aceitar benigno minha oferta que eu ratifico na renovação dos meus santos votos e assino este testamento, pedindo humildemente a Nossa Senhora de me conceder a graça da perseverança final.

Irmã Maria Joana Batista (03/09/1888)"

"Eu vos ofereço, ó Senhor, minha inteligência e meus olhos, não só na intenção acima, mas, ainda, que eu considero estes dons como pertencentes a Vós, só me 'servindo deles para a vossa maior glória e para vosso serviço. Amém."

"É preciso que Ele cresça e eu diminua"

Madre Batista foi durante toda sua vida, como João, aquele que preparou os caminhos do Senhor: um humilde instrumento de Deus.

E como instrumento de Deus
Ensinou
Revelou
Guiou
Sustentou
Convenceu
Conduziu pelo caminho da graça.
E, como João,
Ensinou sem impor
Revelou sem mascarar
Guiou sem constranger

Sustentou sem carregar
Convenceu sem violentar
Conduziu sem escravizar.
Como o Precursor, se eclipsou,
Voltando à sombra com alegria
E nada guardando para si,
Exceto a felicidade de saber
Que o seu Deus é amado
Por todos aqueles a quem

- ensinou
- revelou
- guiou
- sustentou
- convenceu
- conduziu.

Não foi por acaso

Sim, Madre Batista, não foi por acaso, nem sem motivo que, após tantos e tão profícuos trabalhos em tua terra natal, aqui tiveste a coragem de passar os quase 23 últimos anos de tua existência.

A boa semente, que na terra lançaste, frutificou e deu frutos em abundância.

Hoje a Congregação, que agora leva o nome de Franciscanas da Imaculada Conceição, está espalhada em várias cidades dos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Santa Catarina.

Seus membros, sem deixar seu principal objetivo — a educação da infância e da juventude — dedicam-se também a obras de assistência ao menor desamparado, aos idosos, aos doentes, bem como à pastoral.

Madre Batista, lá, junto de Deus, continua velando por aqueles que amaste em vida; por aqueles a quem tudo deste: tua vida, teus dotes; por aqueles a quem tudo renunciaste: família, pátria e a ti própria.

Madre Batista, roga por nós.

Ouvi o clamor deste povo

Simple acaso? Coincidência? Não sei; mas o certo é que estes escritos, já há tempo quase prontos, somente neste ano (quando o Brasil comemora o Centenário da Abolição da Escravatura e a Igreja lança como tema da Campanha da Fraternidade "o negro") puderam ser concluídos.

Você se recorda? Madre Batista teve em toda a sua vida um interesse muito especial e profundo pelas missões africanas e lá pretendia exercer seu apostolado. Deus, porém, lhe reservou outras paragens — a Terra de Santa Cruz. Como Maria, ao receber o anúncio do Anjo, não hesitou em seguir a este chamado, certa de que era esta a vontade do Senhor. E aqui pôde ela atender não só aos negros (e quanto não fez por eles, não só aos daqui como também para os de além-mar), mas a todos os empobrecidos deste país que a ela recorreram.

Por isso, nos dirigimos, neste momento, a Madre Batista para lhe pedir que se junte a nós nesta prece que o Brasil inteiro hoje faz:

"Senhor, ouve o clamor do povo negro,
com todos os empobrecidos da terra,
a caminho da Libertação!
Senhor, apressa o dia,
em que vivendo o teu Amor,
sejamos no coração da História,
semente de Povo Novo,
livre de toda injustiça e de todo pecado"

(Oração da Campanha da Fraternidade
de 1988).

E como Madre Batista queremos seguir os caminhos do Senhor, caminhos que são de:

- Fé
- Justiça
- Paz
- Amor
- União
- Igualdade
- Liberdade
- Luta
- Compromisso.

Cidade de Maria (Barretos)
31/03/1988 (Quinta-Feira Santa)



FRANCISCANAS DA IMACULADA CONCEIÇÃO - FIC

Casa Provincial São José

Av. Prudente de Moraes, 659 - Cx Postal: 463
CEP: 14801-970 (14801-170) - Araraquara - SP
FONE: (16) 3303-6300
E-MAIL: vocacoes_fic@terra.com.br
SITE: <http://www.irmasfranciscanas-fic.com.br>

EXTERNATO SANTA TEREZINHA

Av. Barroso, 760 - Cx. Postal 463
CEP - 14.801- 970 (14801-160) - Araraquara - SP
FONE: (16) 3303-7341 - FAX - (16) 3303-1582

E-MAIL: geral@externatoescola.com.br
SITE: <http://www.externatoescola.com.br>

FIC - Comunidade Madre Joana Batista

Rua 30, nº 950
CEP - 14780-120 - Barretos - SP
FONE: (17) 3322-5947

FIC - Comunidade Madre Sieglinde (Coleginho)

Av. Barroso, 732 - Cx. Postal 463
CEP - 14801-970 - Araraquara - SP
FONE: (16) 3303-7340

FIC - Comunidade Madre Júlia

Rua 7 de Fevereiro, 1299 - Vila Amêndola
CEP - 15801-160 - Catanduva - SP
FONE: (17) 3522-7962 - E-mail: ficdamamju@terra.com.br

ASPIRANTADO SANTA CLARA

Av. Barroso, 622 - Cx. Postal 463
CEP - 14801-970 - Araraquara - SP
FONE: (16) 3335-9892

FIC - Comunidade Irmã Clara Fietz

Rua Porto Ferreira, 466 - Jardim Cruzado
CEP - 14815-000 - Ibaté - SP
FONE: (16) 3353-7124 (Residência) - (16) 3353-7414 (Igreja)

LAR NOSSA SENHORA DAS MÊRCES

Rua: Voluntários da Pátria, 2154
CX POSTAL: 463 - CEP - 14801-970 - Araraquara - SP
FONE: (16) 3336-7337
E-MAIL: seprosic-seprosic@ig.com.br

LAR SANTANA

Rua: Conselheiro Dantas, 984 - Vila Tibério
CEP - 14050-400 - Ribeirão Preto - SP
FONE E FAX: (16) 3625-0598
E-MAIL: larsantana@terra.com.br

LAR SANTA TEREZINHA

Av. Senador Montandon, 735 - Cx. Postal 30
CEP- 38180-970 - Araxá - MG
FONES: (34) 3661-2328/ 3661-1895 FAX: (34) 3662-3073
E-MAIL: seprolar@terra.com.br

COLÉGIO NOSSA SENHORA DE LOURDES

Rua Aureliano Lessa, 127 - Água Rasa
CEP - 03342-010 - São Paulo - SP
FONES: (11) 2605-6511/ 6605-6411 PABX- (11) 2607-6234
FAX: (11) 2605-6598/ 2605-6604
E-MAIL: cnsl@cnsl.g12.br
SITE: <http://www.cnsl.g12.br>

COLÉGIO MADRE FRANCISCA LAMPEL

Rua São Pedro, 125 - Cx. Postal, 35
CEP - 89110-970 - Gaspar - SC
FONE E FAX: (47) 3332-0935
E-MAIL: lampel@lampel.com.br
SITE: <http://www.lampel.com.br>

